HG 711 - Tópicos Especiais de Epistemologia Geral VII

1º semestre de 2025 - 3ª Feira, 14h às 18h

Prof. Silvio Seno Chibeni

Prova # 1 – 6/5/2025

(Berkeley, *Princípios*, parágrafos 1 a 33)

Observações:

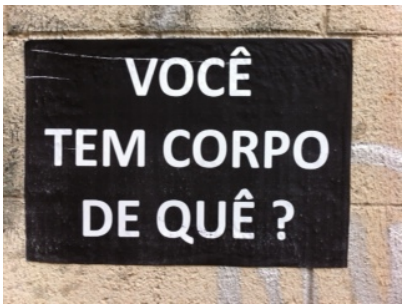
- As questões têm pesos iguais.
- Responda de forma *objetiva*. Seja sucinto, mas não esquemático. Cuide para que cada sentença faça sentido completo.
- Indique de forma precisa os parágrafos dos *Princípios* pertinentes à suas respostas. *Sem tais indicações as respostas serão consideradas erradas.*

Questões: ***(Responda a 5 das 7 questões abaixo)***

1. No livro *The Problems of Philosophy*, Bertrand Russell diz, no cap. 1: "The philosopher who first brought prominently forward the reasons for regarding the immediate objects of our senses as not existing independently of <u>us</u> was Bishop Berkeley *["O filósofo que pela primeira vez forneceu razões proeminentes para que consideremos que os objetos imediatos dos sentidos não existem independentemente de <u>nós</u> foi o Bispo Berkeley".]* Comente criticamente essa afirmação, confrontando-a com o que o próprio Berkeley diz nos *Princípios*. (Dica: atente para a palavra que eu sublinhei.)

   Resposta do prof.: O problema com a afirmação de Russell é a palavra *us* (*nós*). Com ela, o sistema de Berkeley seria uma forma de solipsismo, em que o mundo seria dependente de nossa mente, ou melhor, da mente de quem está propondo isso. Evidentemente, Berkeley rejeitaria completamente essa possibilidade. Para ele, os objetos físicos são constituídos de ideias, são coleções de ideias (*Princípios*, §§ 1, 33). Enquanto coleções de ideias, são seres cuja existência consiste em ser percebidos (§ 3). Mas essa percepção não necessáriamente é a *nossa*: basta que sejam percebidos por *alguma* mente. Dada algumas características que gostaríamos de atribuir aos objetos físicos, como sua objetividade, permanência, regularidade, etc., Berkeley conclui que existe uma mente suprema que os percebe continuamente, Deus, a que se refere como um "espírito eterno" (§ 6) ou "Autor da Natureza" (§ 33).

2. Há muitos anos o seguinte cartaz foi encontrado numa parede do IFCH:



Suponha (implausivelmente!) que quem escreveu o cartaz era uma pessoa que estava estudando a filosofia de Berkeley. Segundo essa filosofia, o que o cartaz estaria perguntando? E como Berkeley a responderia?

Resposta do prof.: A pergunta sobre "de que" é o corpo da pessoa seria, para Berkeley de que ele é feito, qual a sua natureza ontológica. Para os não-berkeleyanos, uma resposta que remonta à Antiguidade é que os corpos em geral são "feitos" de matéria, que a matéria é a "substância" dos corpos. Berkeley nega essa tese e propõe que os corpos são "feitos" de ideias, como explicado na resposta precedente. Eles não são substâncias, portanto, na medida em que ideias são itens dependentes de mentes (que elas, sim, são substâncias). Ver os parágrafos citados na resposta precedente, bem como os §§ 7, 16 e 17.

3. Considerando o assunto tratado por Berkeley no parágrafo 9 dos *Princípios* (entre outros), como se devem entender estas anotações dos *Cadernos* de Berkeley, escritos antes da composição desse livro: "In the immaterial hypothesis the wall is white, fire hot etc." *["Na hipótse imaterial a parede é branca, o fogo é quente, etc."]* (*Notebook B*, item 19.) (Dica: aqui Berkeley chama de "hipótese imaterial" o seu próprio sistema filosófico, segundo o qual não existe matéria.)

Resposta do prof.: No § 9 Berkeley inicia uma crítica à distinção dos modernos que o antecederam, em particular Locke, entre qualidades *primárias* e *secundárias* (Locke, *Ensaio*, livro II, cap. viii). Nessa perspectiva, consensual à época, apenas as primeiras seriam inerentes aos corpos, considerados em si; as segundas resultariam das qualidade primárias das "partes diminutas" e imperceptíveis dos corpos, quando agem sobre a mente, no ato de percepção. Ora, cores, cheiros, gostos, sons, calor e frio, etc. são todas qualidades secundárias. Portanto, na doutrina aceita não se poderia dizer que a parede é branca e o fogo é quente. Berkeley rejeita essa doutrina, e mantém que tudo o que percebemos nos corpos são partes deles – na verdade, constituem os corpos. Portanto para ele a parede é branca e o fogo é quente, trivialmente.

4. Quando, no Segundo Diálogo dos *Três Diálogos entre Hylas e Philonous*, Berkeley discute a questão da existência de Deus, fazendo seu representante

(Philonous) apresentar seu argumento. Então Hylas (o representante do "materialismo") faz o seguinte comentário:

> Hylas: "What! this is no more than I and all Christians hold; nay, and all others too who believe there is a God, and that he knows and comprehends all Things." *[O que? isto nada mais é do que eu e todos os cristãos mantemos; e mais, também todos os outros que crêem que há um Deus, e que ele compreende e conhece todas as coisas."]*

Philonous então replica:

> Philonous: "Ay, but here lies the Diference. Men commonly believe that all Things are known or perceived by God, because they believe the Being of a God, whereas I on the other side, immediately and necessarily conclude the Being of a God, because all sensible Things must be perceived by him." *[Ah, mas aqui está a diferença: os homens comumente crêem que todas as coisas são conhecidas ou percebidas por Deus, porque crêem que há um Deus; enquanto eu, de outro lado, concluo de forma imediata e necessária que há um Deus porque todas as coisas sensíveis têm de ser percebidas por Ele."]*

Explique essa réplica, indicando trechos dos *Princípios* em que Berkeley apresenta seu argumento para a existência de Deus (sem o uso explícito da palavra 'God').

Resposta do prof.: Na perpectiva filosófica não-berkeleyana, elaborada, por exemplo, por Descartes e Locke, e todos os demais filósofos que acreditam em Deus, os argumentos (variados) para a existência de Deus não dependem do fato de Deus perceber os corpos. Estabelecida sua existência, conclui-se, de sua onipotência, que ele percebe tudo o que existe e ele criou, incluindo-se os corpos. Berkeley, ao contrário, argumenta que deve haver uma mente suprema, Deus, justamente porque sem ela os corpos não exitiriam com as características que gostaríamos de lhes atribuir, ou seja, existirem objetivamente, de modo permanente, regular, etc. Então a percepção dos corpos é a premissa, não a conclusão da existência de Deus. Ver os parágrafos citados na resposta à Questão 1, acima.

5. Nos parágrafos § 18 e 19, Berkeley deixa de lado a tese ontológica da inexistência da matéria, admitindo, para efeito de argumento, que a substância material possa existir, e argumenta que, qualquer que seja o caso, seria algo *incognoscível*. Apresente os argumentos de Berkeley nesses parágrafos.

Resposta do prof.: O *parágrafo 18* critica os argumentos para a existência dos corpos que, como o de Descartes, na 6ª Meditação, assumem que é possível *provar* que eles existem, inferindo-se logicamente a sua existência a partir do que percebemos, que são apenas ideias. Berkeley, nota que isso não é possível,

pois nos sonhos, por exemplo, percebemos ideias semelhantes às de nossa vida de vigília sem que daí se conclua que haja algo mais do que as ideias que temos. Não há conexão necessária entre ideias e corpos. Isso os próprios "materialistas" admitem. Ora, para os modernos, e mesmo hoje, em muitos casos, havia uma coextensividade entre as proposições demonstráveis a partir de premissas verdadeiras e as necessárias. O raciocínio de Berkeley é que, não sendo necessária, a existência de corpos também não é demonstrável. No *parágrafo 19*, Berkeley considera argumentos mais fracos, que abrem mão da demonstrabilidade, em favor apenas da plausibilidade da existência dos corpos. É o caso do argumento de Locke, no cap. xi do livro IV do *Ensaio*. Simplificado, o que Locke sustenta é que a hipótese de que existem corpos explica melhor do que qualquer outra uma série de fenômenos, ou seja, de ocorrência particulares de ideias que temos. Depois de Charles S. Peirce, poderíamos chamar tais tipos de argumentos de *abdutivos*. A isso Berkeley objeta que para que se possa dizer que algo explica alguma coisa se se puder indicar *como* esse algo produz a coisa em questão. Ora, novamente, o próprio adversário admite que isso ele não sabe. Portanto, sua alegação de que os corpos explicam (e mais, explicam melhor do que alternativas) a existência dos corpos é vazia: ninguém jamais soube dizer *como* os corpos produziriam as nossas ideias. O parágrafo 20 ilustra ambos os casos por um experimento de pensamento que pode ser visto como a versão rigorosa e correta do conhecido argumento contemporâneo do *brain in a vat*, formulado por Hilary Putnam.

6. a) O que são, na perspectiva berkeleyana, *leis da natureza*? b) Como são conhecidas por nós? c) Explique, dando dois exemplos.

Resposta do prof.: a) No parágrafo 30 as Leis da Natureza são explicitamente definidas como "as regras propostas, ou métodos estabelecidos pelos quais a mente da qual dependemos (Deus) excita em nós as ideias dos sentidos". b) Berkeley continua dizendo: "essas (leis) nós as aprendemos pela experiência, que nos ensina que tais e tais ideias se acompanham de tais e tais outras ideias, no curso ordinário das coisas". c) 1. Riscar fósforos se acompanha de fogo; 2. Água colocada no freezer vira gelo, depois de algum tempo. Nos dois casos, basta observar repetidamente os fatos para descobir as leis; não é necessária nenhuma teorização, formulação de hipóteses sobre o que é o fósforo, o fogo, a água, o gelo e sobre o que tais coisas causariam ou do que seriam efeitos.

7. Você acende um fósforo pelo método usual, ou seja, riscando-o na lixa da caixa de fósforo. a) O que, segundo Berkeley, causou o fogo? b) Descuidado, você põe o dedo no fogo e sente dor. O que, segundo Berkeley, causou essa dor? c) Quem riscou o fósforo, você ou Deus?

Resposta do prof.: a) Os copos são inativos, inertes, ou sejam não causam nada em nada (§ 25). Sendo um objeto físico, o fogo é um conjunto de ideias; ora, como não sou eu que as cria, e elas têm um caráter intersubjetivo ou

mesmo objetivo, são criadas por Deus. Logo, a causa do fogo é Deus. b) A resposta é a mesma, *mutatis mutandis*: a dor, sendo uma ideia, e não sendo causada por mim, é causada por Deus. c) Quem riscou o fósforo fui eu, percebo minha vontade de fazê-lo e, sendo eu um ser ativo (pois não sou corpo, e sim espírito), essa vontade é um poder real que afeta as ideias que tenho, inclusive as compartilhadas com Deus (o palito de fósforo, a caixa de fósforo, etc.). [*Nota*: ao que eu saiba, Berkeley não se dedicou a explicar como as mentes criadas, como a minha, podem atuar nas ideias que, primáriamente, são "de" Deus; então esta resposta é incerta.]